

# **Protestantismo em Marx: Economia e Teologia**

## **Protestantism in Marx: Economics and Theology**

*Oneide Bobsin<sup>1</sup>*

Porque desde o maior até o menor, todos eles são gananciosos; e desde o profeta até o sacerdote, todos eles praticam a mentira. Eles cuidam da ferida do meu povo superficialmente, dizendo: Paz! Paz!, quando não há paz (Jr 6,14-15).

### **RESUMO**

Problematizamos no presente artigo a contradição marxiana entre a afirmação universalizante sobre a religião como ópio do povo e análise favorável aos textos de Martin Lutero sobre comércio e contra a usura. Se Lutero e o luteranismo alemão sofreram duras críticas de Marx pelo fato de a revolução ter nascido na Alemanha na cabeça de um monge, Lutero, e mais tarde renovada pela cabeça de um filósofo, Hegel, tornando-se pouco prática, a mesma avaliação não foi sustentada por Marx a respeito do reformador como o “primeiro economista alemão”. O texto tratará, pois, da relação entre teologia e economia em obras de Marx que se reportam a Martin Lutero.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Protestantismo; Karl Marx; Teologia; Economia; Martin Lutero.

### **ABSTRACT**

In this paper, we will discuss the Marxian contradiction between the universalizing statement about religion as the opium of the people and a favorable analysis of texts from Martin Luther on commerce and against usury. If Luther and German Lutheranism suffered harsh criticism from

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências Sociais (PUC- SP), é professor titular na Faculdades EST, São Leopoldo/RS, Brasil.

Marx for the fact that the revolution was born in Germany in the brain of the monk, Luther, and later renewed by the brain of the philosopher, Hegel, becoming impractical, the same assessment does not was held by Marx about the reformer as the “first German economist”. The paper will therefore deal with the relationship between theology and economics in work of Marx that refer to Martin Luther.

### **KEYWORDS**

Protestantism; Karl Marx; Theology; Economy; Martin Luther.

### **Problema e problematizações**

O resgate que Marx faz de Lutero no que tange à economia das primeiras décadas do século XVI, na Europa, não deve ignorar a crítica da religião como ópio do povo. Tal contradição é o assunto básico do presente artigo. Junto a ela um subtema deve circunscrever uma questão metodológica contraditória em Marx, qual seja, ele não aplicou à religião o seu método dialético. Em outras palavras, analisou um fenômeno particular e o universalizou. Essa contradição metodológica será realçada neste artigo. Seguindo, assim, nesta linha de raciocínio formulo a questão que pretendemos tangenciar com as seguintes palavras: se a religião é ópio do povo, tal visão pode ser estendida para o protestantismo?

A pergunta a ser problematizada tem sua formulação mais densa na Introdução de Hugo Assmann e Reyes Mate, editores de uma obra sobre Karl Marx e Friedrich Engels *Sobre la religión*. Após densas problematizações sobre a religião desdobradas nas críticas filosófica, política e econômica, Assmann e Mate assim formulam a questão que perseguimos:

Se Marx houvesse aplicado à religião sua dialética entre universal e particular teria chegado a outro resultado: não a um veredito definitivo sobre a essência da religião senão a uma negação particular. Uma contradição histórica do cristianismo – e o funcionamento ideológico do cristianismo na sociedade burguesa é uma contradição entre essência do cristianismo (mensagem de reconciliação universal) e sua práxis concreta (justificativa religiosas dos interesses materiais

de uns poucos) – lhe levaria a negar a legitimidade religiosa deste cristianismo<sup>2</sup>.

A pergunta recém-colocada e a problematização de Assmann e Mate exigem algumas problematizações ou hipóteses. Primeira, se a concepção de que a religião é ópio do povo em um sentido universalizante, então o protestantismo também o é, mesmo que Marx tenha feito considerações positivas aos textos de Lutero sobre a economia, os quais analisaremos abaixo. Segunda, há um equívoco metodológico na abordagem que Marx faz da religião ao não aplicar a ela o método dialético, que se orienta por uma tensão entre o particular e o universal. Em outras palavras, Karl Marx analisou o cristianismo europeu de seu tempo e estendeu sua percepção da função ideológica para a religião em geral. Em a *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, Marx aplica ao protestantismo alemão suas categorias universais da crítica da religião<sup>3</sup>.

Vejamos como Henrique Dussel expressou a perspectiva de análise de Marx: “O cristianismo luterano, como religião positiva hegemônica, seria uma das “manifestações’ da religião em geral”<sup>4</sup>. Situamo-nos nesta perspectiva bem definida por Dussel que resgata conceitos pertinentes

<sup>2</sup> ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes (Editores). Introdução. *Karl Marx – Friedrich Engels. Sobre la Religión*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979, p. 33.

<sup>3</sup> Neste artigo fizemos opção pelos textos posteriores à tese de doutorado de Marx em filosofia (MARX, Karl. *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*. São Paulo: Boitempo, 2018). Para considerações a respeito do período anterior à tese de doutorado de Marx, a interessante obra de Michael Heinrich, *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*, analisa o contexto teórico desse período até a sua defesa de tese de doutorado, em Lena, no ano de 1841. Heinrich, no capítulo 3, *Filosofia da Religião, o início “jovem hegelianismo” e os projetos de dissertação de Marx (1838-1841)*, p. 267-398, reflete as influências filosóficas e teológicas sobre Marx. Pietistas, luteranos ortodoxos, liberais, gênese do método histórico-crítico, etc., fazem parte do debate nessa fase da vida de Marx. HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o Nascimento da Sociedade Moderna*. v. 1 (1818-1841). São Paulo: Boitempo, 2018. O segundo volume ainda não foi publicado.

<sup>4</sup> “El cristianismo luterano, como religión positiva hegemónica, sería una de las “manifestacionais” de la religión en general”. DUSSEL, Enrique. *Las Metáforas Teológicas de Marx*. Textos Completos. Editorial Verbo Divino: Estella (Navarra), 1993, p. 37-38. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20120522093403/marx3.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2020.

para o nosso estudo: essência (Wesen) e manifestação (Erscheinung). Assim, o luteranismo alemão é uma manifestação da crítica geral à religião. Outra passagem que nos interessa mais adiante se refere à crítica do Estado para a crítica do fetichismo do capital.

Os textos básicos de Lutero que Marx usou para analisar o desenvolvimento da economia política capitalista encontra-se em *Obras Seleccionadas*, Volume 5, publicado pelas Editoras Concórdia e Sinodal. Sobre economia há prédicas e outros textos de Lutero que serão abordados mais adiante. Tais textos são retomados por Marx em *História crítica de la teoria de la plusvalia (1861-1863)* e em outros extratos publicados em *Sobre La Religión – Karl Marx e Friedrich Engels*. Essa antologia apresenta muitos extratos das obras de Marx e alguns textos completos, que destacam as análises dele sobre o tema que nos interessa. Outro texto a ser considerado se relaciona ao primeiro volume d'O Capital, no qual Marx analisa os fetichismos da mercadoria, do dinheiro e do capital. Há muitas referências à religião no processo de produção de mercadorias. Caberá ao nosso artigo distinguir o nexos entre religião em geral e o protestantismo em particular. Contudo, não abordaremos todos os textos de Marx sobre a religião. Vamos delimitá-los, começando com comentários sobre a *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel, 1844*, quando Marx faz uma análise do atraso da Alemanha em relação à França e à Inglaterra.

Logo, a crítica de Marx a Lutero e ao luteranismo alemão se encontra na *Contribuição à Crítica da Filosofia do Direito em Hegel (1844)*, quando ele transitava da Filosofia para a Política e Economia e já tinha dito que a crítica à religião estava pronta na Alemanha, sendo ela a premissa de todas as críticas<sup>5</sup>. Quando Marx escreve a *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*, ele era um liberal burguês que trabalhava como redator num jornal liberal, denominado *Rheinische Zeitung* (Gazeta Renana), que alimentava a classe média contra o autoritarismo prussiano.

---

<sup>5</sup> MARX, Karl. Contribución a la crítica de la filosofía del derecho de Hegel (1844). In: ASSMANN; MATE, 1979, p. 93. O mesmo texto faz parte da obra publicada em português de forma completa. MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do direito de Hegel*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 151-163. Usaremos as duas fontes.

## Critica da religião e do fetichismo

Ao reconhecer a crítica à religião como uma tarefa pronta em seu contexto alemão, Marx indica um método de análise que não vê o ser humano como alguém acorçado fora do mundo. O ser humano não projeta em Deus seus sonhos, como afirmava Feuerbach<sup>6</sup>, a não ser na condição de que esteja situado num contexto concreto: “O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Este Estado e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são o mundo invertido”<sup>7</sup>. Logo, Marx não carregará suas tintas contra a religião em primeira mão, mas ao mundo do qual ela é um aroma espiritual. Em outras palavras, Marx analisará a economia como base, a filosofia como cabeça e o proletariado como coração<sup>8</sup>.

Uma vez delimitado o método nada metafísico, privilegiando o Estado e a sociedade, Marx fala de ópio do povo, um conceito ao qual nada acrescenta em originalidade. Vejamos novamente os comentários argutos de Assmann e Mate:

Esta é a frase de Marx mais conhecida e repetida (também sob a modalidade leninista: a religião é ópio para o povo) ao tratar da posição marxista em respeito à religião. É uma frase que tem sua origem em estudos críticos das religiões asiáticas que se havia convertido em um tópico comum entre os autores europeus, já anteriores a Marx. É, por isto, uma das frases menos originais de Marx, mas que expressa bem sua posição<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> “Tudo o que o homem fala a respeito de Deus, através da linguagem religiosa, nada mais do que uma confissão de suas aspirações e projetos. Deus é o *meu summum bonum*, o meu ser, em plena realização. [...] Deus só pode ser conhecido como homem”. ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. Edições Paulinas, 1996, p. 46. Na sexta tese de sobre Feuerbach, assim se expressa Marx: “Feuerbach dilui a essência religiosa na essência humana. Mas a essência humana não é algo inerente a cada indivíduo. É, em sua realidade, o conjunto das relações sociais”. ASSMANN; MATE, 1979, p. 161. (Tradução nossa).

<sup>7</sup> MARX, 2013, p. 151.

<sup>8</sup> ASSMANN; MATE, 1979, p. 106.

<sup>9</sup> “Esta es la frase de Marx mas conocida y repetida (también bajo a modalidade leninista: a religión es opio para el pueblos) al tratar de la posición marxista respecto a la religión. Es una frase que tiene su orifen em estuduis críticos de las religiones

Como vivemos tempos de sombras como resíduos da Guerra Fria, como se fossem fantasmas que retornam à luz do dia, marcados por um *déficit* de compreensão das forças de contextos nada maniqueístas, é necessário contextualizar frases lidas por sentidos comuns na política, nos meios acadêmicos e em ambientes eclesiais. Ópio do povo é uma delas, e precisa ser contextualizada. *A Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel* é de fundamental importância porque nos apresenta a moldura de uma frase com pouca originalidade, já que para Marx:

A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidas. Ela é o ópio do povo<sup>10</sup>.

Dentre os pensadores protestantes brasileiros foi Rubem Alves quem melhor analisou Marx neste particular, ao escrever sobre a *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*, destacando a religião como expressão da miséria real, como protesto contra esta miséria real, além de afirmá-la como o coração de um mundo sem coração. Em seu livro *Suspiro dos Oprimidos*, Rubem Alves destina algumas páginas para<sup>11</sup> comentar teses marxianas, as quais podem ser resumidas assim: “A religião é assim definida funcionalmente como o discurso que reconcilia o homem com o mundo que o oprime”<sup>12</sup>.

Como Alves não comenta as demais teses da *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*, o faremos de forma breve, já que nos interessa a avaliação de Lutero e do luteranismo alemão feita por Marx em razão do assunto que estamos analisando. Da mesma forma, *Marxismo e Religião*, de Ivo Lesbaupin, não contempla em sua análise o que acima chamamos “manifestação” – *Ercheinung*, ou seja, o luteranismo

---

asiáticas y que havia convertido em tópico común entre los autores europeos, ya anteriores a Marx. Es, por eso, una de las frases menos originales de Marx pero que expresa bien su posición”. ASSMANN; MATE, 1979, p. 23.

<sup>10</sup> MARX, 2013, p. 151.

<sup>11</sup> GORENDER, Jacob. Apresentação. In: MARX, Karl. *O Capital* – Crítica da economia Política. Livro 1 – O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013, p. 15-37.

<sup>12</sup> ALVES, 1984, p. 54.

como manifestação concreta de uma essência ao abordar vários outros marxistas<sup>13</sup>. Na arguta apresentação de Jacob Goreneder d'O Capital, livro 1, há referências gerais sobre a *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, ao lado d'*A Questão Judaica*, mas também não entra nos detalhes das manifestações da essência. Com estes exemplos, reiteramos as justificativas para a elaboração de nosso texto: falta comentar na crítica da religião manifestações concretas, como o é o luteranismo alemão da época de Marx. As análises marxianas podem ser vistas como uma prova da crítica da religião. Em outras palavras, Lutero e o luteranismo alemão são a prova incontestada da crítica da religião em sua concretude particular. Vejamos a contextualização de Marx sobre este tema.

Marx compara a história alemã – com seu passado marcado pela Reforma – com as de outras nações com suas revoluções ou contrarrevoluções:

A história alemã, é verdade, orgulha-se de um desenvolvimento que nenhuma nação no firmamento histórico realizou antes dela ou chegará um dia a imitar. Tomamos parte das restaurações das nações modernas, sem termos tomado parte nas suas revoluções. Fomos restaurados primeiramente porque outras nações ousaram fazer revoluções e, em segundo lugar, porque outras nações sofreram contrarrevoluções; no primeiro caso, porque nossos senhores tiveram medo e, no segundo, porque nada temeram. Tendo nossos pastores à frente, encontramos-nos na sociedade da liberdade apenas no dia do seu sepultamento<sup>14</sup>.

Como a essência da religião encontra-se na política e não nela mesma, Marx fez uma análise do “estado de coisas na Alemanha”<sup>15</sup>, ao qual declara guerra, a partir da política e do Estado de forma comparativa com outros Estados e outras nações. Novamente voltamos a Alves com sua percepção da religião como flores sobre a corrente que oprime, já que ela em sua essência revela o político. Logo, criticada as correntes sobre as quais há flores, a religião perde sua transcendência e se torna política,

---

<sup>13</sup> LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião – Enfoques Teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 13-35.

<sup>14</sup> MARX, 2013, p. 152.

<sup>15</sup> MARX, 1979, p. 95.

assim como a teologia fora reduzida à antropologia em Feuerbach. Seguimos com Alves:

Se a religião é a expressão de uma essência, ela contém uma verdade a ser recuperada hermeneuticamente. Notemos, entretanto, que Marx afirma que ela exprime o homem sob condições de repressão: suspiro da criatura oprimida, um grito de dor. Não se trata de uma confissão de amor (Feuerbach). Deformado pela dor, o homem grita “religião” de dentro da câmara de tortura. Poder-se-ia dizer que o grito que vem da câmara de torturas exprime a essência do homem? Na religião fala o homem acorrentado. Não fala sobre si, mas sobre suas correntes. O que encontramos presente no discurso religioso não é o homem, mas as correntes sociais que o escravizam<sup>16</sup>.

Voltemos ao objetivo deste texto ao procurar ver como Marx trata de Lutero e do luteranismo alemão de sua época a partir de suas categorias universais, que julgamos contraditórias, como já for frisado acima. Assim, analisando as bases políticas, econômicas e filosóficas da Alemanha, não se esquece de fazer duras críticas ao passado da Alemanha onde se encontra a Reforma, vista por Marx como um passado revolucionário teórico; logo, pouco prático. “Assim com outrora a revolução começou na cabeça de um monge, agora ela começa no cérebro de um filósofo”<sup>17</sup>, referindo a Lutero e Hegel, respectivamente. Em continuidade, seu argumento se torna mais mordaz ao demonstrar a mudança causada pela Reforma na piedade das pessoas, antecipando, assim, o caráter burguês do protestantismo luterano:

Sem dúvida, Lutero venceu a servidão por devoção porque pôs no seu lugar a servidão por convicção. Quebrou a fé na autoridade porque restaurou a autoridade da fé. Transformou os padres em leigos, transformado os leigos em padres. Libertou o homem da religiosidade interior, fazendo da religiosidade o homem interior. Libertou o corpo dos grilhões, prendendo com grilhões o coração<sup>18</sup>.

---

<sup>16</sup> ALVES, 1984, p. 54.

<sup>17</sup> MARX, 2013, p. 158.

<sup>18</sup> MARX, 2013, p. 158.



Para Marx o protestantismo não era a verdadeira solução, mas o “modo correto de colocar o problema”<sup>19</sup>. Mesmo assim, a crítica de Marx ao protestantismo por ter clericalizado o homem interior desemboca no fracasso da teologia na Guerra Camponesa: “Naquele tempo, a Guerra Camponesa, o fato mais radical da história alemã, fracassou por culpa da teologia. Hoje, com o fracasso da própria teologia, nosso *status quo*, o fato menos livre da história alemã, se despedaçará contra a filosofia”<sup>20</sup>.

A delimitação do tema aqui abordado a partir da *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* é mais ampla e complexa do que apresentamos. Mesmo assim, precisamos contemplar de forma bem resumida outra questão, o fetichismo. Seria importante analisar em *O Capital* v. 1, o fetichismo da mercadoria, do dinheiro e do capital e fazer uma relação com o protestantismo, acusado por Marx de culto do homem abstrato.

Marx começa sua obra mais profunda – *O Capital* – invertendo a pesquisa. A ordem da pesquisa não precisa ser a ordem da redação. Assim, a primeira frase de *O Capital* mostra que estamos cercados de mercadorias, como bem pode ser percebido ainda hoje tal fenômeno. Em suas metáforas teológicas a Bíblia é vista como uma mercadoria ao lado de tantas outras. Este olhar pode chocar as pessoas cristãs, mas como é vendida no mercado, ela, como as demais mercadorias, oculta um processo de produção que transforma a natureza e a exploração das pessoas trabalhadoras, gerando riqueza e pobreza. O ocultamento é chamado por Marx de fetiche.

Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos. Quando é valor de uso, nela não há nada de misterioso, quer eu considere do ponto de vista de que satisfaz necessidades humanas por meio de suas propriedades, quer do ponto de vista de que ela só recebe estas propriedades como produto do trabalho humano<sup>21</sup>.

O processo de ocultamento do trabalho não permite, no que diz respeito ao valor de uso, perceber a sua sutileza teológica, ou seja, na

---

<sup>19</sup> MARX, 2013, p. 158.

<sup>20</sup> MARX, 2013, p. 158.

<sup>21</sup> MARX, 2013, p. 146.

mercadoria está plasmado a vida do trabalhador. Esta invisibilidade é chamada por Marx de fetichismo. No caso, o fetichismo da mercadoria. Mas o fetichismo avança para o âmbito da circulação. Ninguém produz mercadorias pelo valor de uso; ela precisa cair no circuito do valor de troca. E para que possam ser trocadas precisam de uma mercadoria equivalente – o dinheiro. No dinheiro se repete o ocultamento do processo. O dinheiro passa a ser o mediador universal que oculta o sangue das pessoas trabalhadoras. Mas dinheiro não é capital. O capital surge, então, com uma ocultação maior. Em que ela consiste? Na invisibilização de um mais-valor gerado no processo produtivo que é apropriado pelo dono do capital.

Num texto anterior, *Manuscritos Econômico-Filosóficos*<sup>22</sup>, Marx já havia afirmado uma analogia entre produção de riqueza e religião. O trabalho produz, pela exploração de sua força de trabalho, a riqueza do capitalista. O mesmo acontece com a religião. Quanto mais se coloca fé em Deus, menos humano o trabalhador se torna. Em outras palavras, a vida das pessoas trabalhadoras é alienada pelo capital. Assim, o processo de invisibilização, ou seja, a fetichização não deixa de ser um processo de “espiritualização” aparentemente sem base material. A análise de Marx pretende tornar transparente este processo do fetichismo.

Essa limitação real se reflete idealmente nas antigas religiões naturais e populares. O reflexo religioso do mundo real só pode desaparecer quando as relações cotidianas da vida prática se apresentam diariamente para os próprios homens com relações transparentes e racionais que eles estabeleceram entre si e com a natureza. A figura do processo social da vida, isto é, do processo material de produção, só se livra de seu místico véu de névoa quando, como produtos de homens livremente socializados, encontra-se sob seu controle consciente e planejado<sup>23</sup>.

Na continuidade das relações entre produção alienada e mundo religioso Marx busca uma analogia (*eine analogie*) entre as nebulosas religiosas que se assumem independentes. É outra forma de falar sobre o fetichismo da mercadoria. Por isto, Marx volta a insistir que “o mundo

<sup>22</sup> MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

<sup>23</sup> MARX, 2013, p. 154.

religioso, não é mais que o reflexo do mundo real [...]”. Em tal mundo o trabalho individual é submetido ao nível de um trabalho homogêneo: “[...] para uma sociedade assim, o cristianismo, com seu *cultus* do homem abstrato – e mais especialmente em suas modalidades burguesas: protestantismo, deísmo, etc. –, a forma mais adequada de religião”<sup>24</sup>.

Até aqui apresentamos a crítica da religião de Marx aplicando-a a uma manifestação particular, o luteranismo alemão. Seguimos com Marx e sua análise dos textos econômicos de Lutero. Veremos que a análise de Marx feita até aqui perde força nas considerações sobre os textos de Lutero sobre economia.

### **Lutero e Marx – Economia sem fetiche**

Em sua *Historia critica de la teoria de la plusvalia (1861-1863)*,<sup>25</sup> bem antes da publicação do primeiro livro de sua obra *O Capital*, em Hamburgo, no ano de 1867, Marx analisa as prédicas e outros textos de Lutero sobre o comércio e contra a usura. Marx comentou *Comércio e Usura* de Lutero, publicado em 1524. Também é objeto da análise marxiana a prédica *Aos Pastores, Para que Preguem Contra a Usura*, de 1540. Em nossa análise vamos nos orientar pelos comentários de Marx e por suas longas citações sobre Lutero. Vamos nos valer dos textos das *Obras Seleccionadas* de Lutero, sob o título Economia, apresentada pelo historiador da Igreja Ricardo Rieth<sup>26</sup>.

<sup>24</sup> “El mundo religioso no es más que el reflexo del mundo real. [...]; para una sociedad así, el cristianismo, con su *cultus* del hombre abstrato – y mas especialmente em sus modalidades burguesas; protestantismo, deísmo, etc. – es la forma más adecuada de religión”. MARX, 1867 (extractos), p. 262. Os extratos de 1867 antecipam teses que serão publicadas mais tarde em *O Capital*. Não tivemos acesso ao texto em alemão.

<sup>25</sup> MARX, Karl. *História crítica de la teoria de la plusvalia (1861-1863)*. In: ASSMANN; MATE, 1979, p. 246-260. A produção teórica de Marx surgia aos poucos em manuscritos soltos, na forma de cadernos, que foram editados mais tarde. Assmann e Mate oferecem fragmentos de um texto publicado por Karl Kautsky a partir de 1905, sob o título *Theorien über den Mehrwert*. Nota da p. 245.

<sup>26</sup> LUTERO, Martinho. *Comércio e Usura*, 1524, p. 399-428; *Prédica sobre Mateus 5-7*, 1530/32, p. 428-445; *Aos pastores, para que preguem contra a usura*, 1540, p. 226-493. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5. Usaremos esta tradução a partir das citações de Marx.

Na Introdução ao Assunto – Economia, Rieth faz uma contextualização das mudanças em várias áreas no período de atuação de Lutero. Também analisa as motivações e o método de análise de Lutero, tido por Marx como primeiro economista alemão, segundo o teólogo Vitor Westhelle: “Marx tinha razão em sua polêmica aclamação de Lutero como o primeiro economista alemão”<sup>27</sup>. Voltando aos comentários introdutórios de Rieth sobre o contexto, destacamos o seguinte:

A concentração econômica nas mãos de poderosas casas comerciais – Fugger, Welser e Höchstetter estavam entre as mais destacadas – deveu-se em muito à participação direta de algumas delas no financiamento da invasão e conquista do Novo Mundo, bem como aos enormes lucros advindos daí decorrente do comércio com as colônias. Resultado dessa concentração foi a formação de monopólio fortemente combatidos pela opinião pública de então, especialmente pelos artesãos. [...] A essa altura, membros da alta nobreza dirigente – inclusive o imperador Maximiliano (1493-1519) e seu sucessor Carlos V (1519-1556), cuja candidatura ao império fora financiada pela casa bancária dos Fugger, da cidade de Augsburg – já se encontravam na dependência financeira dos responsáveis pelos monopólios<sup>28</sup>.

Segundo Marx, Lutero viveu num período de desintegração da sociedade burguesa da idade média em elementos que constituiriam a sociedade burguesa moderna. Portanto, Lutero conheceu formas primitivas do capital industrial, como o capital comercial e o capital usurário. Mesmo assim, Marx reconhece a força da produção capitalista que tentava submeter o capital usurário ao capital industrial nascente. É neste debate que Lutero ataca o comércio e a usura. Segue, pois, o que Marx cita de Lutero, já considerando o descaso dos príncipes em relação à usura:

<sup>27</sup> WESTHELLE, Vitor. Poder e Política – Incursões na Teologia de Lutero. p. 315-331. In: *Lutero – Um teólogo para tempos modernos*. Editado por Christine Helmer. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 330. Num escrito anterior, Vitor Westhelle havia falado das três ordenações de Deus; a igreja, política e economia. Nesta última, encontra-se o processo produtivo e reprodutivo da vida. WESTHELLE, Vitor. Os Sinais dos Lugares: as Dimensões Esquecidas. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Peregrinação – Estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60 aniversário*. São Leopoldo: Sinodal, 1990, p. 264.

<sup>28</sup> RIETH, Ricardo. Economia – Introdução ao Assunto. In: LUTERO, 1995, p. 367-369.

Reis e príncipes deveriam cuidar disso e coibi-lo com justiça rigorosa. Porém ouço que eles estão com o rabo preso, e as coisas acontecem segundo diz Is 1.23: “Os teus príncipes são [...] cúmplices de ladrões”. Enquanto isso mandam enforcar ladrões que furtaram um ou meio florim, e transitam com aqueles que saqueiam o mundo inteiro e roubam mais do que todos os outros. Assim se confirma o adágio: “Os ladrões graúdos enforcam os miúdos”, ou como dizia o senador Catão: Os ladrões pequenos estão em grilhões nas cadeias; mas os ladrões notórios trajam ouro e seda. Mas que dirá Deus enfim a esse respeito? Fará o que diz através de Ezequiel (22.20): fundirá príncipes e negociantes, um ladrão com outro, como chumbo e estanho [...]”<sup>29</sup>.

O sermão *Aos Pastores, Para que Preguem Contra a Usura*, é longamente citado por Marx. Nele Lutero critica o comércio, as compras e as vendas, bem como o empréstimo. Inclusive vê em Lutero alguém mais qualificado do que Proudhon<sup>30</sup>. Com a citação de Marx é muito longa, vamos desdobrá-la em trechos menores, sem a pretensão do todo. Lutero já havia escrito quinze anos antes sobre a usura, mas ela se irrompeu “de forma tão violenta”, que merece ser retomada:

Ela irrompera de forma tão violenta que eu não podia ter esperança de melhora alguma. Desde então ela se sofisticou a tal ponto que já não pretende mais ser vício, pecado ou vergonha; ao contrario, já se deixa exaltar como pura virtude e honra, como se prestasse grande amor e serviço cristão para outras pessoas. Que benefício pode haver quando a vergonha é tomada por honra e o vício por virtude? Sêneca afirma a partir do ponto de vista da razão natural: “Não há remédio onde aquelas coisas que eram consideradas vícios se tornam costumes”. A Alemanha já não é mais aquilo que deveria ser; a abjeta ganância e usura a aniquilaram<sup>31</sup>.

<sup>29</sup> LUTERO, 1995, p. 398.

<sup>30</sup> Joseph Pierre Proudhon (1809-1865) foi um publicista, economista e sociólogo francês. Sua obra mais conhecida é PROUDHON, Pierre-Joseph. *O que é a propriedade?* Editorial Estampa: Lisboa, 1975. Disponível em: <<https://anarquismopiracicabaeregiao.files.wordpress.com/2010/02/proudhon-o-que-e-a-propriedade.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

<sup>31</sup> LUTERO, 1995, p. 447.

As palavras de Lutero destacadas por Marx não perderam a atualidade quinhentos anos depois quando Estados e governos são submetidos ao contemporâneo sistema financeiro com suas redes bancárias. Certamente a atualidade de Lutero, não obstante as modificações do mundo moderno, pode se desdobrar em outros argumentos de seu sermão. Lutero insiste junto aos seus pastores que não se calem diante dos empréstimos tomados por comerciantes, artesãos e outras categorias profissionais, que precisam de capital, mas perdem quase tudo por causa dos juros altos.

Por isso, todas aquelas pessoas que cobram cinco, seis ou mais por cento do dinheiro emprestado, são usurários. Que se ajeitem com esse papel. São chamadas servidoras idólatras da ganância e do Mâmon, e não podem ser bem-aventuradas, a não ser que façam penitência<sup>32</sup>.

Lutero traz muitos exemplos, apela para juristas e autoridades para que a usura seja contida e ensinada nas escolas uma conduta contrária a estas práticas. Mais adiante, na sua longa e detalhada pregação como se estivesse ensinando aos pastores como falar, Lutero levanta mais uma tese importante sobre o assunto que envolve fé, governo e sociedade civil. Assim, em tom profético afirma: “E se a coisa não mudar, há de aparecer um – ou então a Alemanha inteira, incluídos seus príncipes e senhores, terra e povo, cairá na servidão dos usurários!”<sup>33</sup>.

O interesse de Marx em resgatar os textos e prédicas de Lutero sobre o comércio e a contra a usura cabe bem em sua teoria a respeito do desenvolvimento do capitalismo industrial. Ele tem a sua origem na usura e no capital usurário, pelo menos em seus aspectos internos à Europa. Contudo, é preciso relativizar um pouco o apreço de Marx por Lutero, por ele ter dito que o reformador havia adotado um ponto de vista católico-pagão<sup>34</sup>. Em outras palavras, o pagão se refere à influência de Aristóteles, que em sua obra clássica, denominada *Política*, também questionou a usura. E o termo católico se refere aos teólogos medievais e os juristas que rechaçavam a usura.

<sup>32</sup> LUTERO, 1995, p. 448.

<sup>33</sup> LUTERO, 1995, p. 464.

<sup>34</sup> MARX, Karl. Historia crítica de la teoría de la plusvalía. 245-257. In: ASSMANN; MATE, 1979, p. 250.

Um exemplo bem plástico, como muitos citados por Lutero, merece um destaque mesmo por ser menos teológico como muitos apelos feitos aos juristas e outras pessoas da sociedade civil. Lutero se refere à fome e à miséria provocadas pelos usurários, em razão do fato de que o homem quer ser o Deus do outro. Para Lutero isto tem origem na maçã do paraíso, quando Adão e Eva quiseram se tornar deuses em nome do Diabo. “Todos nós ainda temos essa maçã no estômago; constantemente ela provoca arrotos, não há jeito de digeri-la, e inclusive os verdadeiros santos tem dentro de si um resto dela, no mínimo uma nesga”<sup>35</sup>. Nesta perspectiva, Lutero pede para olhar para os usurários com pouca piedade e sob o jugo da lei, ou melhor, da espada (governo) e não pela graça.

Então olhes para aqueles que retêm os cereais, como especulam, se alegram quando sobem o preço, e como ficam abatidos quando o preço cai. Alguns chegam inclusive a enforçar-se. Isso acontece para estabelecer um exemplo de que Deus considera os demais usurários e gananciosos dignos da mesma justiça e sentença. Também seria uma pena se tivessem que ser enforcados por carrascos públicos, de forma justa e honrada. Eles têm que tornar-se seus próprios vergonhosos carrascos e enforçar-se a si mesmos escandalosamente, para que sejam diabo e morte para si mesmos, eles que tanto gostariam de ter sido assassinos e assaltantes do mundo inteiro<sup>36</sup>.

As prédicas e outros textos de Lutero sobre Comércio e Usura são resgatadas por Marx em sua teoria da origem e desenvolvimento do Capital e porque não dizer do capitalismo. Como vimos no esboço acima. Lutero não pode ser considerado um anticapitalista ou um marxista. O próprio Marx não assim o considerou. Sua crítica mordaz à usura e ao capital comercial primevo fez com que a essência (Wesen) entrasse em contradição com a manifestação (Erscheinung), diferindo da *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*. Parece que a contradição deu lugar para a dialética, apesar de ser no campo da economia. No entanto, novas pesquisas precisam ser feitas. Apenas levantamos o problema.

---

<sup>35</sup> LUTERO, 1995, p. 479.

<sup>36</sup> LUTERO, 1995, p. 479-480.

## Conclusão

Martinho Lutero não pode ser considerado um economista e Karl Marx não parece ser um teólogo subterrâneo, como podemos deduzir de Dussel. Apesar da crítica da religião, Marx buscou nos textos e em prédicas de Lutero uma crítica ao capitalismo em suas origens; origens que mostram uma tendência que vige até hoje, apesar de suas metamorfoses. Por outro lado, resgatar Lutero como Marx o resgatou pela economia continua uma tarefa teológica no século XXI quando economia e religião passam a fundir-se na mercantilização das manifestações religiosas.

Assim, três séculos depois de Lutero, Marx afirma o caráter revolucionário<sup>37</sup> da burguesia industrial, cujas raízes se encontram no capital comercial e no capital usurário, tão criticada por Lutero. Como Lutero se posicionaria diante da seguinte avaliação de Marx, de 1848, e ainda válida: “A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então reputadas veneráveis e encaradas com um piedoso respeito. Do médico, do jurista, do sacerdote, do poeta, do sábio fez seus servidores assalariados”<sup>38</sup>.

## Referências

- ALVES, Rubem. *O suspiro dos oprimidos*. Edições Paulinas, 1996.
- ASSSMAN, Hugo; MATE, Reyes. Introdução. *Karl Marx – Friedrich Engels*. Sobre la religión. Salamanca: Ediciones Sigueme, 1979.
- DUSSEL, Enrique. *Las Metáforas Teológicas de Marx*. Textos Completos. Editorial Verbo Divino: Estella (Navarra), 1993. p. 37-38. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/otros/20120522093403/marx3.pdf>>. Acesso em: 05 fev. 2020.
- GORENDER, Jacob. Apresentação. In: MARX, Karl. *O Capital – Crítica da economia Política*. Livro 1 – O processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo, 2013.

---

<sup>37</sup> Tal tese Marx vai abandonar posteriormente, tornando-se um crítico dos donos do Capital.

<sup>38</sup> MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: CHED, 1980, p. 11. A tese de Lutero e luterana de que as pessoas batizadas são sacerdotes e sacerdotisas no mundo do trabalho, como frisou Max Weber, sofreria crítica de Marx desde a perspectiva da luta de classes.



- HEINRICH, Michael. *Karl Marx e o nascimento da sociedade moderna*. v. 1. (1818-1841). São Paulo: Boitempo, 2018.
- LESBAUPIN, Ivo. Marxismo e religião. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião – Enfoques Teóricos*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- LUTERO, Martinho. In: *Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 5.
- MARX, Karl. Contribución a la crítica de la filosofía del derecho de Hegel (1844). In: ASSMANN, Hugo; MATE, Reyes (Editores). Introdução. *Karl Marx – Friedrich Engels*. Sobre la Religión. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1979.
- \_\_\_\_\_. *Crítica da Filosofia do direito de Hegel*. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*. São Paulo: Boitempo, 2018
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: CHED, 1980.
- PROUDHON, Pierre-Joseph. *O que é a propriedade?* Editorial Estampa: Lisboa, 1975. Disponível em: <https://anarquismopiracicabaeregiao.files.wordpress.com/2010/02/proudhon-o-que-e-a-propriedade.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.
- WESTHELLE, Vitor. Os Sinais dos Lugares: as Dimensões Esquecidas. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Peregrinação – Estudos em homenagem a Joachim Herbert Fischer pela passagem de seu 60 aniversário*. São Leopoldo: Sinodal, 1990.
- \_\_\_\_\_. Poder e Política – Incursões na Teologia de Lutero. p. 315-331. In: *Lutero – Um teólogo para tempos modernos*. Editado por Christine Helmer. São Leopoldo: Sinodal, 2013.

Submetido em: 18/05/2020

Aceito em: 26/11/2020